



ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA E VARIAÇÃO LINGUÍSTICA: ANÁLISE DE PROPOSTAS DE LIVROS DIDÁTICOS.

PORTUGUESE LANGUAGE TEACHING AND LINGUISTIC VARIATION: ANALYSIS OF PROPOSALS OF TEXTBOOKS.

Ana Cecília Teixeira Gonçalves¹ (UFFS)
Jeize de Fátima Batista² (UFFS)

RESUMO

Este trabalho tem o objetivo de investigar como a temática da variação linguística é trabalhada em Livros Didáticos atuais ligados ao ensino de Língua Portuguesa. Para tal análise, com relação à variação linguística, tomamos por base fundamentalmente as propostas de Bagno (2002, 2007), Bortoni-Ricardo (2004) e Calvet (2002). No que diz respeito aos aspectos relacionados ao trabalho docente, fizemos uso da perspectiva do Interacionismo Sociodiscursivo, pautado, neste trabalho, em Machado (2009). No que concerne aos aspectos metodológicos, o *corpus* da pesquisa são seções de Livros Didáticos, publicados a partir dos anos 2000, da área de Língua Portuguesa, que tratem da temática da variação linguística. A análise baseia-se em um roteiro para observar a variação linguística em livros didáticos (LD), elaborado por Bagno (2007, pp. 125-138). Acreditamos que a análise dos dados permitiu não só visualizarmos questões importantes sobre a proposta de ensino da variação linguística que é apresentada em manuais didáticos, como também relacioná-la com o trabalho do professor de Língua Portuguesa, uma vez que o Livro representa um instrumento de planificação e prescrição da atividade docente. Buscamos compartilhar os resultados, propiciando um contexto de reflexão crítica coletiva sobre o tema da variação, da heterogeneidade linguística e da relação língua e sociedade.

Palavras-chave: Professor de Língua Portuguesa. Livro Didático. Variação Linguística.

ABSTRACT

This work aims to investigate how the theme of linguistic variation is crafted in current textbooks related to the teaching Portuguese Language. For this analysis, with regard to linguistic variation, we base the proposals of Bagno (2002, 2007), Bortoni-Ricardo (2004) and Calvet (2002). With regard to the aspects related to the teaching work, we made use of the sociodiscursive interactionism perspective, guided in this work, in Machado

¹ Possui graduação no Curso de Licenciatura em Letras - Língua Portuguesa/Literaturas - pela Universidade Federal de Santa Maria (2005), Mestrado em Letras, área de Estudos da Linguagem, pela Universidade Federal de Santa Maria (2008), Doutorado em Letras, área de Estudos da Linguagem, pela Universidade Federal de Santa Maria (2015). Desde 2010, é professora do Curso de Letras Português e Espanhol - Licenciatura, da Universidade Federal da Fronteira Sul. *E-mail:* acgteixeira@uffs.edu.br

² Possui graduação em Letras-Espanhol pela Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões (1999), Especialização em Língua Espanhola e Cultura Hispânica (URI- 2001), Mestrado em Letras: área de concentração em Linguística Aplicada, pela Universidade Católica de Pelotas (2005) e Doutora em letras pela UniRitter - Porto Alegre (2017). Atualmente é docente, dedicação exclusiva 40h - Língua Portuguesa- da Universidade Federal Fronteira Sul (UFFS), *campus* de Cerro Largo. *E-mail:* jeize.batista@uffs.edu.br



(2009). As far as methodological aspects are concerned, the corpus of the research are sections of Didactic Books, published from the 2000, in the area of Portuguese Language, that deal with the linguistic variation thematic. The analysis is based on a script made to observe the linguistic variation in textbooks, drafted by Bagno (2007, pp. 125-138). We believe that the data analysis allows not only to visualize important questions about the teaching proposal of the linguistic variation that is presented in textbooks, but to also relate it to the work of the Portuguese Language teacher, since the Book represents an instrument of planning and prescription of the teaching activity. We seek to share the results, providing a context of collective critical reflection about the theme of variation, linguistic heterogeneity and the relationship between language and society.

Keywords: Portuguese Language Teacher. Textbook. Linguistic Variation.

1 INTRODUÇÃO

Durante a docência em cursos superiores em disciplinas voltadas para a leitura e produção textual, deparamo-nos³ com situações intrigantes com relação ao debate sobre variação linguística. Inseridas em um contexto de colonização alemã, por várias vezes, testemunhamos, em nossas aulas, estudantes afirmarem que, durante o percurso escolar (Ensino Fundamental e Médio), sentiam-se constrangidos em falar em decorrência da pronúncia do que, na Linguística, denominamos “fricativa velar desvozeada”, já que, em função da influência da língua alemã, o som pronunciado era, na realidade, o da “vibrante alveolar vozeada⁴” (CRISTÓFARO, 2002, pp. 38-39).

De acordo com Nunes *et al* (2010), em falantes de língua portuguesa, os quais têm influência de dialetos alemães, são recorrentes algumas trocas de fonemas em função do contato com as duas línguas⁵. Sob esse enfoque, a troca de fonemas representaria um processo linguístico normal, se observados os estudos sobre variação linguística. Para muitos falantes

³ Trajetória acadêmica e profissional das docentes pesquisadoras.

⁴ Em palavras como “carro”, a pronúncia da *fricativa velar desvozeada* ocorre com fricção audível na região velar, desse modo, podemos perceber um tipo de obstrução parcial, com a parte posterior da língua funcionando como articulador ativo e o palato mole como articulador passivo; já a pronúncia da vibrante alveolar vozeada, típica de alguns dialetos do português brasileiro, apresenta um tipo de obstrução breve, sendo o ápice da língua o articulador ativo e os alvéolos o articulador passivo (Fonética e Fonologia: sonoridade em artes, saúde e tecnologia. Disponível em :<http://fonologia.org/fonetica_consoantes.php>Acesso em: 27 de março de 2018).

⁵ Nesses casos, alguns processos são comuns, como os exemplos que seguem: “/g/ por [k], como em [k]ritou; [X] por /r/, como em co[r]eu ; /b/ por [p], como em [p]aixo; [S] por [s], como em [S]apo; /v/ por [f], como em le[f]ado; /t/ por [d], como em filho[d]es e ainda /aw/ por [on], como ch[on]” (NUNES ET AL, 2010, p. 01).



daquele contexto específico, no entanto, a falta de conhecimento sobre o fenômeno contribuía para causar um sentimento de estranheza com relação àquilo que era diferente da variedade de língua ensinada na escola, a variedade de prestígio, que busca aproximar-se da gramática normativa. Essa questão nos mobilizou a pensar sobre o ensino da variação linguística na atualidade, em especial, na Escola Básica.

Segundo Possenti (1996), por muito tempo, figurou a gramática normativa como objeto de ensino da disciplina de Língua Portuguesa. Nesse ínterim, uma variedade de língua vinculada à escrita – a variedade padrão – foi entendida como modelo de ensino. Esse padrão de língua corresponderia a uma variedade de prestígio, a qual seguiria os modelos impostos pela gramática normativa. Essa situação contribuiu para que as demais variedades linguísticas fossem consideradas inferiores ou erradas (tendo em vista os parâmetros de correção da gramática normativa).

Historicamente, é possível evidenciarmos dois fatos marcantes que resultaram em questionamentos e na revisão da concepção de linguagem ensinada no âmbito escolar: o processo de democratização da escola, iniciado nos anos 1950; e as propostas de reformulação no ensino de português que ganharam força a partir da segunda metade da década de 1980, trazidas pelos ainda recentes estudos da Linguística.

O processo denominado de *democratização da escola* representou a ampliação do acesso à instituição escolar e, com isso, trouxe a diversidade linguística para esse meio. De acordo com Soares (2004), primeiramente, mudam-se as características socioeconômicas do alunado, que passa a ser representado não mais pela classe dominante apenas, mas também pela classe menos privilegiada da sociedade. Essa transformação deve-se, sobretudo, à reivindicação das camadas populares que cobravam seu direito à educação.

Além disso, na segunda metade dos anos 80 do século XX, novas teorias linguísticas chegam à escola aplicadas ao ensino de línguas e interferem consideravelmente no ensino de língua portuguesa. Nesse ínterim, a discussão sobre as variedades linguísticas ganham força: reflete-se sobre a diferença existente entre as variedades faladas pelos alunos e a variedade de prestígio a qual a escola se propõe a ensinar. Junto a isso, novas concepções de língua e de gramática do português são apresentadas. A língua passa a ser concebida como forma de interação social e o papel central dado à gramática no ensino de Língua Portuguesa é questionado. Dessa forma, o ensino tradicional da gramática normativa é fortemente discutido



e, cada vez mais, propõe-se que se desenvolvam habilidades de leitura e de escrita nos alunos, destacando-se, nesse contexto, o estudo da diversidade linguística (ILARI, 2012).

Documentos posteriores que prescrevem o trabalho docente também fazem alusão à questão da variação linguística. Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) defendem que o fenômeno da variação linguística é constitutivo das línguas e, nesse sentido, ocorre em todos os níveis. Em vista disso, a variação é concebida como algo normal, tendo em vista o conjunto de fatores geográficos e socioeconômicos, de faixa etária, de gênero etc. que intervêm no uso da língua, e a instituição de uma língua única “não se sustenta na análise empírica dos usos da língua” (BRASIL, 1998, p.29).

A Base Nacional Comum (BNCC), instituída em 2017, propõe que a variação linguística está entre as habilidades comuns no Ensino Fundamental. Sugere-se que aspectos relevantes com relação ao registro formal e informal da língua sejam explorados, como, por exemplo, “contexto, ambiente, tema etc” (BRASIL, 2017, p. 84). Ademais, defende-se que características regionais, urbanas e rurais, típicas da fala, sejam exploradas a fim de se trabalhar o respeito pelas diferentes variedades linguísticas, entendendo-as como algo normal, consequência do uso da língua por grupos diversos. Nesse sentido, há um forte movimento para que se rejeite qualquer tipo de preconceito linguístico⁶, entendido como “forma de discriminação e dominação” (BRASIL, 2017, p. 116).

Desse modo, mobilizados sobretudo pela situação inicial apresentada, acreditamos que a instituição escolar deve proporcionar aos estudantes o aprendizado daquilo que ainda não dominam, no caso, a variedade padrão da língua, sem desconsiderar, no entanto, as demais variedades existentes, ou melhor, o conhecimento que o aluno traz consigo. Também, compreendemos que o uso da língua está vinculado a uma questão circunstancial, ou seja, a escolha por uma variedade de língua deve estar condizente com a situação de ação linguageira, em que o uso da língua e o contexto são indissociáveis. O importante é preparar o aluno para que consiga escolher uma forma (dentre tantas existentes) de falar que esteja de acordo com a circunstância de uso da língua.

⁶ O preconceito linguístico diz respeito a qualquer atitude discriminatória com relação ao uso da língua. Materializa-se, sobretudo, na exclusão de variedades linguísticas consideradas equivocadamente como erradas ou de menos valor, quando comparadas à norma-padrão cuja referência é a escrita. É, portanto, um preconceito social. (BAGNO, 2002)



Sob essa perspectiva, faz-se necessária uma mudança de atitudes no que diz respeito à concepção de diversidade linguística, a fim de que evitemos discriminações de língua. Na escola, essa mudança passa também pelo professor, o qual precisa proporcionar a seus alunos a possibilidade de conceber a língua, o fenômeno linguístico e suas variações, de modo diferenciado, o qual propicie não só o desenvolvimento de habilidades discursivas, mas, sobretudo, a consciência de que a variação linguística reflete a relação língua e sociedade. Por outro lado, não podemos desconsiderar que muitos desses profissionais tiveram uma formação tradicional, embasada em uma concepção de língua tradicional, diferenciada da que se sustenta nos documentos oficiais atualmente. Desse modo, por questões históricas e em função de sua formação, alguns professores podem ter dificuldade em tratar da problemática da variação linguística.

Segundo Bortoni-Ricardo (2004), é necessário que se instaure um processo de conscientização crítica por parte dos professores (e dos alunos) no que diz respeito à relação que se estabelece entre a variação linguística e a desigualdade social. Para que isso ocorra, a autora defende que “o linguista não se limite a transmitir informações técnicas que são produtos da pesquisa acadêmica. É preciso que estabeleça um efetivo diálogo com o professor por meio de pesquisa que o enriqueça e o torne apto a promover uma auto-reflexão e uma análise crítica de suas ações” (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 28). Em vista disso, o objetivo deste trabalho, diferentemente de fazer julgamentos com relação ao trabalho docente, é conhecer a realidade que perpassa a prática do professor de língua portuguesa com relação à problemática da variação linguística a fim de auxiliar na constituição de uma consciência linguística no espaço escolar. Para isso, buscamos investigar como a temática da variação linguística é trabalhada em Livros Didáticos (publicados a partir dos anos 2000) ligados ao ensino de Língua Portuguesa.

2 A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E O ENSINO

Ao recuperarmos o discurso da ciência linguística com relação ao ensino de Língua Portuguesa no Brasil, verificamos que a questão da variação linguística é um tema que tem sido destacado por linguistas há bastante tempo. Geraldi, no início da década de 1980, abordava a questão da crise do sistema educacional brasileiro, identificando problemas como



a dificuldade em utilizar a língua oral e escrita, apresentada por estudantes. O autor enfatiza que a atividade docente deve estar fundamentada numa concepção de linguagem. Por isso, defende uma perspectiva inovadora, em que a linguagem é entendida como uma ação social, espaço de interação, e, de acordo com o autor, representativa de uma postura educacional diferenciada, segundo a qual os falantes devem ser entendidos como sujeitos.

De acordo com essa perspectiva, o ensino de Língua Portuguesa não deve resumir-se a classificações e denominações de regras e conceitos. É preciso determinar prioridades e, levando-se em consideração que essa concepção pensa no estudo da língua partindo-se de seu uso, é inevitável que se reflita sobre a questão das variedades linguísticas em sala de aula. Para o autor, com o processo de democratização da escola, o professor depara-se com uma série de variedades linguísticas e sociais, visto que o espaço escolar já não é frequentado apenas pela classe social privilegiada socialmente. Nesse ínterim, fatores históricos como a vinculação desta variedade à modalidade escrita da língua e à tradição gramatical, e como modelo representativo de uma identidade nacional, ajudaram a eleger a forma padrão de língua para ser ensinada na escola. Se, por um lado, esses aspectos contribuem para reforçar o prestígio linguístico desta variedade, por outro, constroem uma ideia negativa com relação às demais formas de falar, que acabam sendo rotuladas como formas erradas, inadequadas (GONÇALVES, 2015).

Conforme Alkmim (2007), a variação linguística está relacionada aos diferentes modos de falar empregados por uma comunidade linguística. Essa variação, longe de ser uma causalidade, pode estar vinculada a aspectos diversos que coexistem em uma mesma comunidade de fala, como a origem geográfica, a idade, as diferenças de gênero etc. Sob essa perspectiva, a autora diferencia variações geográficas de variações sociais: a variação geográfica ou diatópica relaciona-se “às diferenças linguísticas distribuídas no espaço físico, observáveis entre falantes de origens geográficas distintas”. Por outro lado, a variação social ou diastrática caracteriza-se “por um conjunto de fatores que têm a ver com a identidade dos falantes e também com a organização sociocultural da comunidade de fala (ALKMIM, 2007, pp. 34-35)”. Nesse sentido, é importante destacarmos que a variação da língua “não é livre, mas que é correlata às diferenças sociais sistemáticas”; é condicionada por fatores diversos e materializam, de fato, a relação entre linguagem e sociedade (CALVET, 2002, p. 29).



Tendo em vista esse contexto paradoxal instituído nos ambientes formais de ensino, no qual se impõe socialmente uma variedade de língua e, conseqüentemente, desclassificam-se as demais, encontra-se o professor de Língua Portuguesa e dele é exigida uma postura. Segundo Geraldi (1984), o professor pode assumir a variedade linguística das classes populares e adotar seu discurso ou pode entender que essas mesmas classes populares precisam aprender a usar a forma padrão da língua, já que ela é indispensável numa sociedade tão desigual. Em meio a essa situação, o autor propõe que “cabe ao professor de língua portuguesa ter presente que as atividades de ensino deveriam oportunizar aos seus alunos o **domínio** de uma outra forma de falar, o dialeto padrão, sem que isto signifique a depreciação da forma de falar [...] em seu grupo social”(1984, p. 45)

Observada essa questão, é necessário repensar o objetivo das aulas de língua materna e, dessa maneira, diferenciar ensino de língua de ensino de metalinguagem. Para Geraldi (1984), alterar a concepção de linguagem significa construir uma nova metodologia e um novo conteúdo de ensino. Nesse contexto, em que a língua é entendida como ação social, o tema da variação linguística é de extrema relevância e precisa ser discutido nas aulas de língua materna (GONÇALVES, 2015).

Sob essa perspectiva, este trabalho tem o objetivo de investigar como a temática da variação linguística é trabalhada em Livros Didáticos atuais ligados ao ensino de Língua Portuguesa. Para isso, a análise baseia-se em um roteiro para observar a variação linguística em livros didáticos (LD), elaborado por Bagno (2007, pp. 125-138). Acreditamos que a análise dos dados permite não só visualizarmos questões importantes sobre a proposta de ensino da variação linguística que é apresentada em manuais didáticos, como também relacioná-la com o trabalho do professor de Língua Portuguesa, uma vez que o Livro representa um instrumento de planificação e prescrição da atividade docente.

A seguir, apresenta-se a metodologia da pesquisa.

2.1 MATERIAL E MÉTODOS

Nesta subseção, temos a finalidade de especificar o contexto no qual se desenvolveu a pesquisa. Assim, com o intuito de facilitar o entendimento do trabalho, apresentamos,



primeiramente, o universo de análise, parte na qual é descrito o instrumento da pesquisa. Em seguida, é exposta a pergunta norteadora.

2.1.1 Universo de análise

Conforme Machado (2009), para compreendermos o trabalho docente, é necessário tomar como objeto os textos que são produzidos acerca dessa atividade. No caso específico, analisamos como os textos produzidos sobre o ensino de variação linguística podem auxiliar não só a compreender o trabalho do professor de Língua Portuguesa, como também a propor o enfrentamento da problemática do preconceito linguístico no ambiente escolar. Nesse sentido, como já foi mencionado na Introdução, esta pesquisa, ao contrário de fazer avaliações negativas sobre o trabalho docente, buscou justamente conhecer a realidade que envolve a prática do professor de língua portuguesa com relação à problemática da variação linguística a fim de auxiliar na constituição de uma consciência linguística no espaço escolar. Em vista disso, voltamo-nos para a investigação da temática da variação linguística em Livros Didáticos ligados ao ensino de Língua Portuguesa, publicados a partir dos anos 2000, isto é, depois da instituição do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD).

A análise baseia-se em um roteiro para observar a variação linguística em livros didáticos (LD), elaborado por Bagno (2007, pp. 125-138), conforme segue:

1. O LD trata da variação linguística?
2. O LD menciona de algum modo a pluralidade de línguas que existe no Brasil?
3. O tratamento se limita às variedades rurais e ou regionais?
4. O LD apresenta variantes características das variedades prestigiadas?
5. O LD separa a norma-padrão da norma culta (variedades prestigiadas) ou continua confundindo a norma-padrão com uma variedade real da língua?
6. O tratamento da variação linguística no LD fica limitado ao sotaque e ao léxico ou também aborda fenômenos gramaticais?
7. O LD mostra coerência entre o que diz nos capítulos dedicados à variação linguística e o tratamento que dá aos fatos de gramática? Ou continua, nas outras seções, a tratar do “certo” e do “errado”?
8. O LD explicita que também existe variação entre fala e escrita ou apresenta a escrita como homogênea e a fala como lugar do erro?
9. O LD aborda o fenômeno da mudança linguística. Como?
10. O LD apresenta a variação linguística somente para dizer que o que vale mesmo, no fim das contas, é a norma-padrão?



Delimitado o universo de análise, passamos, neste momento, para a apresentação da macro-questão que norteará a pesquisa.

2.1.2 Pergunta ampla de pesquisa

O foco de nossa pesquisa centrou-se na pergunta que segue:

- *De que modo a temática da variação linguística é trabalhada em Livros didáticos ligados ao ensino de Língua Portuguesa, publicados a partir dos anos 2000, isto é, depois da instituição do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD)?*

A resposta à pergunta de pesquisa, a partir da análise realizada, auxiliou a refletir sobre o ensino da variação linguística na Escola Básica a partir de Livros Didáticos e, desse modo, sobre sua relação com o trabalho docente. Com isso, esperamos vislumbrar ações que tenham como foco a melhoria e o êxito deste trabalho. Para dar continuidade, observemos, abaixo, a análise de três⁷ obras.

2.2 ANÁLISE DE LIVROS DIDÁTICOS

Nesta parte do trabalho, são apresentadas as análises de três livros didáticos, conforme segue. A ordem respeita a data de publicação das obras.

Livro 1:

Português - Leitura, Produção e Gramática - 5ª Série - Leila Lauer Sarmiento – 2ª ed. São Paulo: Moderna, 2006.

⁷ Por uma questão de espaço, apresentamos, apenas, a análise de três livros didáticos.



O LD trata da diferença existente entre linguagem formal e informal. O tema aparece na seção “Gramática” (SARMENTO, 2006, p. 143). O tratamento se limita aos níveis de formalidade da linguagem utilizada em determinado contexto.

É possível observarmos que o LD parece usar o conceito de norma culta (variedades prestigiadas) como sinônimo de norma padrão. Desse modo, parece confundir a norma-padrão com uma variedade real da língua. Ex.: “A linguagem formal caracteriza-se pelo emprego da norma culta, pela ausência de gírias e pela formalidade no tratamento com aqueles que lêem ou ouvem o texto” (SARMENTO, 2006, p. 143).

No LD, não são abordados temas como a variação de sotaque, de léxico de fenômenos gramaticais. Podemos perceber, no entanto, um cuidado em não utilizar palavras como certo e errado; opta-se por “adequada”; “adequadamente” etc. Ex.: “É necessário observar cada contexto para empregar a linguagem adequada” (SARMENTO, 2006, p. 143).

Menciona-se, no livro, a questão do nível de formalidade, e das características da linguagem utilizada em circunstâncias formais e informais. As situações formais de uso da linguagem são caracterizadas pelo emprego da “norma culta”; as informais (ou coloquiais) são situações em que se utilizam “gírias, diminutivos e outras expressões que não fazem parte da norma culta” (SARMENTO, 2006, p. 143).

O LD apresenta a diferenciação entre linguagem formal e informal para chamar a atenção da importância de utilização do nível adequado à situação. Ex.: “São inúmeros os casos em que a linguagem é empregada em um ou outro nível de formalidade. É necessário observar cada contexto para empregar a linguagem adequada” (SARMENTO, 2006, p. 143).

Passamos, abaixo, para a análise do Livro 2.

Livro 2:

Linguagens e textos, 6º ano, de Hermínio Sargentim. 1ª ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2009.

A variação linguística é abordada na seção “Estudar a língua”, sob o título “A língua e suas variações”. Observam-se os seguintes tópicos, ao longo da seção, que tratarão do estudo:



variedades linguísticas; níveis de linguagem: formal X informal; as gírias; português de Portugal e português do Brasil.

O LD faz referência à pluralidade de línguas, inclusive dedica uma parte do estudo sobre variação para diferenciar o Português do Brasil do Português de Portugal. Há uma ampla abordagem que chama a atenção para aspectos relacionados ao social e ao geográfico; às variedades histórica e estilística também são mencionadas.

Podemos notar a apresentação de variantes características das variedades prestigiadas, no caso, usa-se uma tirinha de Bill Watterson, Calvin e Haroldo, em que se evidencia a linguagem do personagem Calvin e sua variação ao se dirigir ao Papai Noel, alguém que não faz parte do convívio diário do menino, e ao se dirigir ao tigre Harold, com o qual estabelece uma relação de amizade.

No livro, diferencia-se norma-padrão da norma culta. Destaca-se que a norma padrão corresponde a um conjunto de regras convencionadas pela sociedade e a norma culta representa a variedade efetivamente usada pelos falantes mais escolarizados de uma comunidade.

A problemática da variação é abordada através do tratamento do sotaque, do léxico e de fenômenos gramaticais. Não há menção a avaliações de certo e errado no livro.

O LD explicita que também existe variação entre fala e escrita, inclusive utiliza um texto, uma notícia do jornal Diário de São Paulo, que mescla a utilização de uma linguagem mais próxima da norma padrão e outra mais informal, evidenciando essa possibilidade de variação também na escrita.

O texto menciona a questão da variedade histórica, relacionada “às mudanças que a língua sofre no tempo, registradas em momentos históricos diferentes” (SARGENTIM, 2009, p. 31). Além disso, ao comparar o português de Portugal com o brasileiro, ressalta a dinamicidade da língua, a qual sofre mudanças.

No livro, há uma orientação ao professor para que não sobreponha “uma maneira de falar à outra” ou contraste “a forma de empregar a língua usada pelo falante do campo à forma de falar do falante da cidade”. Ademais, destaca-se que “ninguém emprega a língua exatamente de acordo com a norma padrão”, uma vez que esta se trata de regras de convenção, “e não à língua em uso nas diferentes situações de comunicação do dia-a-dia” (SARGENTIM, 2009, p. 31).



Por fim, segue a análise do Livro 3.

Livro 3:

Língua Portuguesa, 5º Ano – Albanize Aparecida Arêdes Neves; Angélica de Souza Carvalho Lopes – 1ª ed. São Paulo: Escala Educacional, 2011.

O LD trata da variação linguística em três capítulos diferentes: no capítulo 3, *Inventar e brincar*, na seção *Refletir e usar – Gramática*, em que se aborda a variação linguística e o ensino da locução adjetiva; no capítulo 8, *O Brasil das belezas e das artes*, também na seção *Refletir e usar – Gramática*, na qual se aborda, junto às variedades, o ensino dos pronomes possessivos e demonstrativos; e no capítulo 10, *Minha pátria*, na seção *Refletir e usar – Gramática*, junto ao estudo das conjunções. Além disso, dois capítulos, o 1 e o 2, na mesma seção sobre refletir e usar a gramática, trabalham com as noções de linguagem formal e informal.

No livro, nos três capítulos que tratam da variação linguística, observam-se, primeiramente, aspectos relacionados à herança das línguas indígenas, em que são apresentadas palavras da língua portuguesa dessa origem; à variação geográfica, em que são explorados vocábulos diferentes no Brasil que têm o mesmo significado; e à gíria, em uma atividade que mostra como eram faladas certas expressões antes e como são atualmente. Cumpre ressaltarmos que não há um trabalho aprofundado, sem maiores explicações. Não se fala de pluralidade linguística, de fato; atividades listam palavras de origem indígena, palavras com variações geográficas e gírias de diferentes momentos. Exemplo: “Muitas palavras da nossa linguagem do dia a dia são de origem indígena. Observe e escreva, por exemplo, o nome destes animais” (NEVES; LOPES, 2011, p. 74). Aqui é apresentado um quadro com alguns animais, como tucano, sucuri, jacaré etc. A ideia é a de que o aluno perceba que o nome do animal tem origem indígena.

Trabalha-se com a variedade regional, sobretudo. Menciona-se a gíria e a influência da língua indígena; outras variedades não são mencionadas. Fala-se também da situação de fala e da importância de se usar a linguagem certa em cada circunstância: “Existe uma forma de falar adequada para cada situação. Todas as variações da língua são importantes. O



conhecimento dessas variações e a capacidade de usar a linguagem correta em cada situação podem facilitar a comunicação entre as pessoas” (NEVES; LOPES, 2011, p. 249).

O LD não fala na diferença entre a norma-padrão e a norma culta (variedades prestigiadas). Apenas salienta-se a importância de se saber usar a linguagem correta em cada situação, para que a comunicação seja facilitada.

No decorrer do livro, vocábulos como “correta” e “corretamente” aparecem nas atividades gramaticais. Ex.: “Escreva as frases a seguir, utilizando corretamente mas ou mais no lugar dos símbolos” (NEVES; LOPES, 2011, p. 254).

O LD faz menção ao fenômeno da mudança linguística quando trata das gírias: “A língua é viva e está sempre mudando. Essa transformação também acontece com as gírias [...] Você conhece alguma gíria usada em outra época e que **tenha mudado**” (NEVES; LOPES, 2011, p. 249).

A variação linguística é tratada a partir da gíria, de palavras de influência indígena e vocábulos com diferença de significado em regiões distintas. Não se fala de norma-padrão nos capítulos que abordam variação. Parece que o fenômeno da variação é vinculado à fala.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acreditamos que as análises permitem visualizarmos questões importantes sobre aspectos relacionados ao trabalho do professor de Língua Portuguesa com relação à temática da variação linguística, uma vez que proporcionam um contexto de reflexão crítica coletiva sobre o tema da variação, da heterogeneidade linguística e da relação língua e sociedade. Sob esse viés, esperamos propiciar a instauração de um processo de conscientização crítica por parte dos professores (e consequentemente de seus alunos) no que diz respeito à relação que se estabelece entre a heterogeneidade da língua e o contexto social.

Para isso, temos como meta que os resultados desta pesquisa sejam compartilhados com os professores da Educação Básica a partir de um coletivo de trabalho, a fim de que se constitua um diálogo efetivo entre universidade e escola, cujo objetivo maior é a reflexão, a análise crítica de ações e a possibilidade de auxiliar na constituição de uma consciência linguística no espaço escolar.



REFERÊNCIAS

ALKMIM, Tânia Maria. Sociolinguística. In.: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina. *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*. v.1. 7. ed. São Paulo: Cotez, 2007.

BAGNO, Marcos. *Preconceito lingüístico – o que é, como se faz*. Editora Loyola: São Paulo, 2002

_____. *Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação lingüística*. São Paulo: Parábola, 2007.

BRASIL. *Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs)*. Língua Portuguesa. Ensino Fundamental. Terceiro e quarto ciclos. Brasília: MEC/SEF, 1998.

_____. *Base Nacional Comum Curricular (BNCC): Educação é a base*. MEC/SEF, 2017.

BORTONI-RICARDO, S. M. *Educação em língua materna: a Sociolinguística na sala de aula*. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

CALVET, Louis Jean. *Sociolinguística: uma introdução crítica*. São Paulo: Parábola Editorial, 2002

CRISTÓFARO SILVA, Taís. *Fonética e Fonologia do Português: Roteiro de Estudos e Guia de Exercícios*. 6 ed. São Paulo: Contexto, 2002.

GERALDI, J. W. (org.) *O texto na sala de aula: Leitura & produção*. 2. ed. Cascavel: Assoeste, 1984.

GONÇALVES, Ana Cecilia Teixeira. *O professor de língua portuguesa em formação inicial e suas (re)configurações sobre o trabalho docente*. 2015. 266 f. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2015.

ILARI, R. A. Linguística e ensino de língua portuguesa como língua materna. Disponível em: <http://www.museulinguaportuguesa.org.br>. Acesso em 2 março 2012.

MACHADO, Anna Rachel e colaboradores. *Linguagem e Educação: o trabalho do professor em uma nova perspectiva*. ABREU-TARDELLI, Lília Santos e CRISTOVÃO, Vera Lúcia Lopes (orgs). Campinas: Mercado de Letras, 2009.

NEVES, Albanize Aparecida Arêdes; LOPES, Angélica de Souza Carvalho. *Língua Portuguesa, 5º Ano – 1ª ed*. São Paulo: Escala Educacional, 2011.

NUNES, Glivia Guimarães; PERSKE, Ketlin Elís; FERREIRA-GONÇALVES, Giovana. O bilinguismo português/alemão: a influência da oralidade na escrita. *Revista Ideias – 25 – Jan/Jun*, 2010.



POSSENTI, Sírio. *Por que (não) ensinar gramática na escola*. Campinas: Mercado de Letras:1996.

SARGENTIM, Hermínio. *Linguagens e textos, 6º ano*. 1ª ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2009.

SARMENTO, Leila Lauar. *Português - Leitura, Produção e Gramática - 5ª Série*. 2ª ed. São Paulo: Moderna, 2006.

SOARES, Magda. *Letramento: um tema em três gêneros*. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.